

## DISCURSO E PODER: UMA ABORDAGEM A PARTIR DA FILOSOFIA DA LINGUAGEM

**Aluno: Jaber Camara da Silva**  
**Orientador: Danilo Marcondes de Souza Filho**

### **I n t r o d u ç ã o**

O presente trabalho vem dando continuidade ao projeto de pesquisa sobre a relevância da Filosofia da Linguagem para as Ciências Sociais. A partir desta abordagem, será feita uma breve análise social através da noção de discurso. Nesse sentido, os discursos não apenas refletem ou representam entidades e relações sociais, eles às constituem, posicionando os indivíduos, de diferentes maneiras, como sujeitos sociais. Outro foco importante está na mudança histórica: como diferentes discursos são combinados em condições sociais particulares para produzir novos e complexos discursos, como parte da formação de táticas de modificação das práticas sócio-culturais.

### **J u s t i f i c a t i v a**

A *verdade* parece estar longe do nosso alcance, uma vez que esta seria a totalidade das informações que recebemos. As informações que recebemos do mundo, pelos sentidos, são transmitidas para nossa mente, onde são transformadas em imagens, formando representações da realidade, que confirmamos por outros indivíduos [1].

Assim, a informação é uma impressão recebida pelos sentidos, interpretada e organizada na mente de quem a recebe. A palavra ‘informação’ tem sua raiz etimológica no latim, *informatio onis*, que significa "ter uma idéia", ou seja, representar uma relação na mente. Ao estabelecermos tais relações, somos capazes de transformar esses estímulos em percepções sobre os objetos, portanto, informação é sempre *sobre* algo. Podemos concluir, a partir disso, que as coisas não são iguais às informações que recebemos delas e nem são iguais à forma como as representamos [2].

A representação, por sua vez, é um processo mental básico, ele está relacionado com nossa experiência de vida. Como a experiência de cada um é única e diferente da outro (ou seja, não é possível repeti-la), cada um vai representar do seu jeito as coisas, de acordo com o que experimentou durante a vida. As representações em conjunto formam uma rede de imagens ligadas umas às outras, funcionando como mapas mentais que criamos a partir da nossa experiência. Mas, nenhuma representação tem todas as características daquilo que está sendo representado [3].

A partir das informações recebidas pelos estímulos sensoriais, estabelecemos relações entre as coisas, representando-as pelos significados que criamos, formando percepções, ou seja o modo pelo qual percebemos o mundo. As pessoas agem, se comportam, sentem, vêem e dão importância às coisas de acordo com o jeito que compreendem a realidade. Quando recebemos novas informações, nossa percepção muda, ou seja, não é a realidade que muda, o que muda é a maneira pela qual entendemos e percebemos a realidade [4]/[5].

Usualmente, empregamos o termo ‘mente’ para nos referir, estritamente, às funções do cérebro, tais como as emoções, a imaginação, a memória, o pensamento, etc. Chamamos de ‘consciência’ a percepção das relações que estabelecemos entre nós e o ambiente à nossa volta [6]/[7]. Podemos dizer que a mente funciona a partir de dois processos básicos, a memória e a imaginação. A memória é o processo onde recebemos, guardamos e lembramos-

nos das informações com as quais tivemos contato, armazenando nossas experiências para nos auxiliar ao longo da vida [8]. Já a imaginação é o processo onde relacionamos e representamos as coisas de acordo como elas nos parecem aos sentidos, formando idéias e as combinando de maneira criativa para entender ou formar outras idéias [9].

Idéia é uma palavra que deriva do grego *idea* (ἰδέα) ou *eidea*, variação da palavra *eidos*, que significa imagem. Assim, o significado original de idéia está diretamente ligado à representação, por meio de imagens, das coisas que estão na realidade e não nos sentidos [10]. Embora o termo 'ideologia' possa ser empregado para descrever a área da ciência que estuda as idéias, ele também é usado para descrever um conjunto de idéias, conceitos, que orientam as visões de mundo de um indivíduo ou de um grupo, estabelecendo e sustentando as relações sociais. Nesse sentido, quando as idéias são usadas para orientar práticas sociais, elas tornam-se discursos.

É no âmbito discursivo que ocorrem as disputas de poder [11]. De acordo com Norman Fairclough, professor emérito de linguística da Universidade de Lancaster, no Reino Unido, o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam (e restringem suas próprias normas e convenções), como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado [FAIRCLOUGH, 91]. Além disso, todo discurso é um elo na cadeia da comunicação, onde cada discurso é constituído com partes de outros discursos. [FAIRCLOUGH, 134]

Fairclough distingue três aspectos dos efeitos construtivos do discurso, em primeiro lugar, o discurso contribui para a construção do que variavelmente é referido como 'identidades sociais' e 'posições de sujeito' para os 'sujeitos' sociais. Segundo, o discurso contribui para construir as relações sociais entre as pessoas. E, terceiro, o discurso contribui para a construção de sistemas de conhecimento e crença [FAIRCLOUGH, 91].

Dentro deste quadro, evidencia-se que as idéias tidas como 'verdade' pelo senso comum, encontram-se vinculadas aos sistemas de poder que as sustentam, a partir de uma relação circular dada por um conjunto de procedimentos para a produção, regulamentação, distribuição, circulação e operação de discursos, tendo em vista a formação de um regime da 'verdade'.

Em seu livro 'Discurso e Mudança Social', Fairclough supõe haver uma heterogeneidade entre os elementos discursivos, que pode tornar a relação, entre eles, contraditória. Tome-se, por exemplo, as diferentes posições, que um sujeito pode assumir, nos diferentes âmbitos e atividades de uma instituição, na formação das modalidades discursivas desta. É possível que os limites entre os contextos e as práticas sejam tão naturalizados que essas posições sejam vivenciadas como complementares. Porém, em circunstâncias diferentes, os mesmos limites podem tornar-se alvo de contestação, e a posição dos sujeitos e as práticas discursivas associadas a eles podem revelar contradições. As contradições entre o que é permitido em um lugar, mas não em outro, podem tornar-se ponto de partida para a efetuação de mudanças [FAIRCLOUGH, 96]. Eventuais contendas podem ter como consequência a rearticulação das ordens de discurso, constituindo novos elementos mediante a redefinição dos limites entre os elementos antigos.

Não se deve pressupor que as pessoas estejam cômicas das dimensões ideológicas de sua própria prática. Os diferentes graus de naturalização, aos quais as práticas discursivas são submetidas, podem fazer com que passem despercebidos investimentos ideológicos específicos, mesmo quando a prática é interpretada como sendo de resistência, com fins na mudança ideológica. Essa é uma das razões pelas quais Fairclough defende uma modalidade de educação focada no âmbito linguístico, a fim de estimular uma consciência crítica dos

processos ideológicos no discurso, possibilitando às pessoas uma consciência maior das suas próprias práticas [FAIRCLOUGH, 120].

Embora, os sujeitos sejam posicionados pelas práticas e ideologias a que são expostos, também são capazes de reestruturar tais práticas, agindo criativamente, no sentido de realizar suas próprias conexões. Assim, tanto a estabilidade relativa das relações de dominação quanto o equilíbrio entre o sujeito 'efeito' ideológico e o sujeito agente ativo, são variáveis que dependem das condições sociais [FAIRCLOUGH, 121].

A hegemonia do poder não é adquirida simplesmente pela imposição de uma estrutura social hierárquica, antes ela se dá mediante concessões, construção de alianças, a fim de ganhar o consentimento dos indivíduos, induzindo-os a integrarem-se [FAIRCLOUGH, 122]. Segundo Fairclough, isso é feito, em parte, pelo discurso, através da constituição de ordens discursivas locais, porém, eventualmente, o equilíbrio entre elas, pode tornar-se relativamente precário, podendo ser enfraquecido por outros grupos [FAIRCLOUGH, 125].

À medida que os produtores e os interpretes desarticulam as ordens de discursos existentes, combinam convenções, códigos e elementos discursivos, rearticulando-os em ordens de discurso inovadoras. As mudanças estruturais nas ordens de discurso vão acumulando-se até gerar novas hegemonias discursivas [FAIRCLOUGH, 128]. A rápida transformação e reestruturação de tradições discursivas é um extraordinário fenômeno contemporâneo, característica acentuada, sobretudo, pelo fenômeno massivo da Internet.

Embora o discurso busque estabelecer as posições às quais os interpretes devam se ajustar, estes são mais do que sujeitos do discurso em contextos particulares; são, sobretudo, sujeitos sociais, com experiências sociais distintas, voltadas para diferentes dimensões da vida social. Uma vez que os processos interpretativos disponíveis não são distribuídos igualmente entre todos, as variáveis afetam os modos como os discursos são interpretados, alguns resistirão ao posicionamento discursivo em maior ou menor grau, de modo mais ou menos explícito [FAIRCLOUGH, 172].

Uma tendência que, de acordo com Fairclough, vem se evidenciando, é a eliminação de marcadores explícitos de hierarquia e assimetria de poder, presente em certos tipos de discurso institucional, tais como nas formas de tratamento (como em interações entre professores e alunos, chefes e empregados, pais e filhos). [FAIRCLOUGH, 250] “Como os marcadores explícitos se tornam menos evidentes, os marcadores encobertos de assimetria de poder tornam-se mais discretos e sutis em vez de desaparecerem, no entanto, assimetria é ainda bastante poderosa para ser explorada como forma de controle da intecção” [FAIRCLOUGH, 251].

Tal tendência está intimamente ligada à informalidade, pois, extamente nas situações mais formais que as assimetrias de poder e *status* são mais nítidas. Uma manifestação dessa informalidade vem ocorrendo nas interações conversacionais. A conversação está colonizando a mídia, discursos profissionais/públicos, educacional, etc., o discurso está assumindo um caráter cada vez mais conversacional. Para Fairclough, isso faz parte de uma “reestruturação importante dos limites entre os domínios público e privado” [FAIRCLOUGH, 251].

Fairclough aponta também que um dos processos discursivos mais presente em nossa sociedade é a comodificação, processo pelo qual os domínios e as instituições sociais, vêm sendo organizados e definidos em termos de produção, distribuição e consumo de mercadorias [FAIRCLOUGH, 225]. Ele também identificar a publicidade como sendo o discurso 'estratégico' por excelência – em termos da distinção feita por Habermas entre linguagem 'estratégica' e 'comunicativa' – capaz de construir 'imagens', como forma de posicionar publicamente pessoas, organizações e mercadorias, construindo identidades para elas: “Produtor, produto e consumidor são reunidos como co-participantes em um estilo de vida, uma comunidade de consumo que a publicidade contrói e simula” [FAIRCLOUGH, 259].

O que os publicitários obtêm é a capacidade de simulação de um estilo de vida, capacidade que de acordo com Fairclough é mais poderosa e imediata que a da língua, nos quais as pessoas podem encaixar-se segundo a imaginação:

Se uma imagem visual funciona, pode criar instantaneamente um mundo de consumidores potenciais. Produtores e produtos podem conjuntamente ocupar, o imaginário dos sujeitos antes que estes possam ler ou ouvir a linguagem das mensagens publicitárias. Oferecem ao público-alvo potencial um contexto, de realidades possíveis, por meio de discursos que sejam vistos como ‘valores’ pelo público-alvo, [FAIRCLOUGH, 259].

## **C o n c l u s ã o**

As sociedades contemporâneas tendem a um controle cada vez maior sobre a vida das pessoas. Mas, aparentemente, ao buscar uma linha de acesso às pessoas, a fim de controlá-las, essa linha de acesso acaba por se tornar uma linha de mão dupla, pois se o controle não for possível, uma vez que a quantidade de moderadores é menor que a de moderados, os moderados podem usar tal ligação para também exigirem sua parcela de controle das práticas sociais.

De acordo com Fairclough a democratização e a comodificação podem parecer opostos – “a primeira é um enfraquecimento de controle, a última, um fortalecimento de controle” [FAIRCLOUGH, 268] –, mas a comodificação de fato implica numa mudança parcial das relações tradicionais em favor dos ‘consumidores’. Essa mudança se manifesta no discurso democratizado: o poder não está pode ser expresso explicitamente. “Os discursos comodificados construídos sobre os modelos de publicidade também manifestam comumente outros aspectos democratizantes, incluindo a informalidade e um movimento para o discurso conversacional”. [FAIRCLOUGH, 269]

Essa convergência entre comodificação e democratização é apenas parcial e numa direção única: a democratização ocorre com ou sem a comodificação. No entanto, a convergência parece revelar características comuns num nível mais profundo, em particular o modo como essas tendências influenciam na constituição da subjetividade ou ‘individualidade’ pelo discurso, no contexto de mudanças que têm sido documentadas na constituição social do ‘eu’ na sociedade contemporânea. Essas mudanças objetivam um ‘eu’ mais autônomo e automotivado. As duas tendências parecem ter em comum uma orientação para o ‘eu’ autodirecionado. Os ‘consumidores’, os destinatários universais da publicidade e de suas extensões colonizadoras na educação e outras esferas, são versões do ‘eu’ autodirecionado, caracterizado pela capacidade e pela vontade de ‘escolher’. Como observado por Fairclough, seu impacto sobre as diversas ordens de discurso mais locais e institucionais é variável: algumas ordens de discurso estão se tornando fortemente democratizadas e comodificadas, outras nem tanto. Não obstante, o que está chamando a atenção é a onipresença das tendências e a facilidade com que elas aparentam transcender as fronteiras entre as instituições e domínios. A importância atual dessas tendências parece corresponder a um estado ou condição particular da ordem de discurso societária na sociedade contemporânea que torna possível a projeção de novos modelos. [FAIRCLOUGH, 269]

Há uma condição de ‘fragmentação’ relativa das normas e convenções discursivas que permeiam as instituições e ‘domínios’. O sentido de ‘fragmentação’ usado é apontado por Fairclough como um certo colapso, uma perda da eficácia do controle hegemônico. Com isso há uma maior variedade na prática discursiva e uma menor previsibilidade dos eventos discursivos. [FAIRCLOUGH, 270]

Há um sentido em que a democratização sintética ou simulada com propósitos estratégicos é uma estratégia de alto risco que é por si uma concessão ao poder de forças democratizantes tanto quanto um movimento para combatê-lo. Usar as formas do discurso democratizado – a eliminação das assimetrias explícitas em termos das formas de tratamento, a informalidade, a mudança para o termo comum da conversação – torna implícitas certas afirmações sobre a natureza dos relacionamentos sociais realizados, que não são sustentáveis onde a democratização é simulada. O resultado pode ser uma contradição na

prática discursiva entre as formas e o conteúdo do discurso democratizado, que pode tornar-se uma área de luta. [FAIRCLOUGH, 271]

Quando as posições tradicionais, em que os sujeitos são socializados, se defrontam com novas relações, surgem contradições, que se tornam um terreno fértil para problematizações, uma vez que as pessoas se vêem diante 'dilemas'. Tais dilemas só podem ser superados mediante soluções criativas, que envolvam inovar as convenções existentes, contribuindo assim para a mudança discursiva. A mudança envolve formas de transgressão, o cruzamento de fronteiras, reunindo convenções existentes para combiná-las em novas convenções, explorando as situações em que geralmente são proibidas [FAIRCLOUGH, 127]. Tais mudanças na estrutura podem afetar apenas a ordem de discurso 'local', ou de uma instituição, ou ainda, pode transcende-las e afetar a toda a ordem de discurso social.

### Referências

- 1 – VERDADE. In: \_\_\_\_\_ Wikipédia: A enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Verdade> . Acesso em 11 de out. 2009.
- 2 – INFORMAÇÃO. In: \_\_\_\_\_ Wikipédia: A enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Informa%C3%A7%C3%A3o> . Acesso em 11 de out. 2009.
- 3 – REPRESENTAÇÃO MENTAL. In: \_\_\_\_\_ Wikipédia: A enciclopédia livre. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Representa%C3%A7%C3%A3o\\_mental](http://pt.wikipedia.org/wiki/Representa%C3%A7%C3%A3o_mental) . Acesso em 11 de out. 2009.
- 4 – PERCEPÇÃO. In: \_\_\_\_\_ Wikipédia: A enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Percep%C3%A7%C3%A3o> . Acesso em 11 de out. 2009.
- 5 – SIGNIFICADO. In: \_\_\_\_\_ Wikipédia: A enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Significado> . Acesso em 11 de out. 2009.
- 6 – MENTE. In: \_\_\_\_\_ Wikipédia: A enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mente> . Acesso em 11 de out. 2009.
- 7 – CONSCIÊNCIA. In: \_\_\_\_\_ Wikipédia: A enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Consci%C3%Aancia> . Acesso em 11 de out. 2009.
- 8 – MEMÓRIA. In: \_\_\_\_\_ Wikipédia: A enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mem%C3%B3ria> . Acesso em 11 de out. 2009.
- 9 – IMAGINAÇÃO. In: \_\_\_\_\_ Wikipédia: A enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagina%C3%A7%C3%A3o> . Acesso em 11 de out. 2009.
- 10 – NOME. In: \_\_\_\_\_ Wikipédia: A enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Nome> . Acesso em 11 de out. 2009.
- 11 – IDEOLOGIA. In: \_\_\_\_\_ Wikipédia: A enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ideologia> . Acesso em 11 de out. 2009.
- 12 – FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.
- 13 – MORA, J. F. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Loyola, 2001. v 1.
- 14 – MORA, J. F. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Loyola, 2001. v 2.
- 15 – MORA, J. F. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Loyola, 2001. v 3.
- 16 – HABERMAS, Jürgen. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. (Biblioteca Tempo Universitário 84)
- 17 – MARCONDES, Danilo. **Filosofia, linguagem e comunicação**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- 18 – WINCH, Peter. **A Idéia de uma Ciência Social**. 9. ed. São Paulo: Companhia Editoria Nacional, 1970.